

“TUDO AQUI É POESIA”: A PRAGMÁTICA CULTURAL COMO PESQUISA PARTICIPANTE COM MOVIMENTOS SOCIAIS E COLETIVOS JUVENIS EM TERRITÓRIOS DE VIOLÊNCIA URBANA¹

“ALL HERE IS POETRY”: CULTURAL PRAGMATICS AS PARTICIPANT RESEARCH WITH SOCIAL MOVEMENTS AND YOUTH GROUPS IN TERRITORIES OF URBAN VIOLENCE

Claudiana Nogueira de Alencar²

RESUMO: Com o objetivo de enfrentar a violência contra as juventudes, o “Programa Viva a Viva: circuitos de linguagem, paz e resistência da juventude negra da periferia de Fortaleza” tem procurado fortalecer os movimentos sociais e coletivos culturais juvenis da periferia de Fortaleza. Este trabalho tem como ponto de partida as cartografias das práticas políticas dos jovens da periferia realizadas no Viva Palavra, utilizando-se da pragmática cultural como pesquisa participante. Ao analisar os dados presentes nessas cartografias, percebemos que os diversos coletivos e movimentos sociais da periferia agregam sentidos de afeto às formas construídas que se articulam para criar localidades/translocalidades urbanas.

Palavras-chave: Pragmática Cultural; Pesquisa participante; Movimentos sociais; Juventude; Violência urbana.

ABSTRACT: In order to confront violence against the youth, the “*Viva a Palavra* Programme: language circuits, peace and black youth resistance in Fortaleza’s periphery” has aimed to strengthen social movements and cultural groups of the periphery youth of Fortaleza. This work has its starting point at the cartographies of political practices used by the periphery youth realised inside the *Viva a Palavra*, using the cultural pragmatics as participant research. After analysing the data found in these cartographies, it was noticed that the many groups and social movements add affection meanings to the constructed forms that are articulated to create urban locations/translocations.

Keywords: Cultural pragmatics; Participant research; Social movements; Youth; Urban violence.

¹ Artigo recebido em 24/03/2019 e aceito em 20/06/2019.

² Doutora em Linguística, na área de Semântica/ Pragmática, pela Unicamp; professora do Curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará (UECE), no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (POSILA) e no Mestrado em Educação e Ensino (MAIE) da UECE. E-mail: clauinoce@gmail.com.



Introdução

Com o objetivo de enfrentar a violência contra as juventudes, o “Programa Viva a Palavra: circuitos de linguagem, paz e resistência da juventude negra da periferia de Fortaleza”³ tem articulado ensino, pesquisa e extensão para produzir cartografias das gramáticas culturais das juventudes da periferia de Fortaleza em seus diversos jogos de linguagem (saraus, contação de histórias, batalhas de rap, slam, círculos de leitura, círculos de paz etc). O intuito do programa é de 1) lutar contra o extermínio da juventude, como demanda dos movimentos sociais e coletivos culturais que atuam em territórios de violência; 2) atravessar a rua que separa a universidade das comunidades que a circundam, que separa os saberes acadêmicos dos saberes populares, atravessando também as fronteiras disciplinares por meio da transdisciplinaridade (ALENCAR, 2019) e 3) buscar a horizontalidade entre os envolvidos nos projetos do Programa por meio de metodologias participativas, cooperativas e colaborativas. Esses três princípios seriam constitutivos de uma pragmática cultural, uma proposta de pesquisa participante e interventiva, sob a perspectiva da nova pragmática (RAJAGOPALAN, 2010; SILVA, FERREIRA; ALENCAR, 2014). Tomo como ponto de partida para a escrita deste artigo as cartografias das práticas discursivas e culturais, dos fluxos, redes e socialidades de jovens da periferia de Fortaleza, realizadas no subprojeto do Programa Viva Palavra: Palavras de Resistência.

Articulando a pragmática cultural (ALENCAR, 2014, 2017), a antropologia simétrica (LATOUR, 1994; VIVEIROS DE CASTRO, 2002) com os estudos culturais (WILLIAMS, 2007), os estudos sobre a violência urbana (ZALUAR, 1983; CALDEIRA, 2000; FELTRAN 2017) e os estudos sobre as juventudes (ABRAMO, 2005, CALVO, 2005, PAIS, 1993, GROPPPO, 2015), procuro investigar como os jogos de linguagem em práticas de política, de arte e de cultura, constituem novas formas de vida, modos de resistir e reexistir das juventudes, diante da violência urbana nas grandes cidades. A ideia é que as práticas organizativas juvenis de cultura e arte se configuram como espaços-afetos nômades que requalificam o urbano e reinscrevem as paisagens de Fortaleza, sendo preciso investigar essas práticas para compreendê-las em seu curso, para pensá-las como constitutivas de uma

³ O Programa Viva a Palavra obteve aprovação no Edital Proext/2015, vinculado ao MEC/SESu/DIPES (Convênio de Nº 824042/2015), a quem agradecemos o financiamento.



gramática de reexistência das juventudes da periferia, diante da violência urbana.

Ativismo comunitário no enfrentamento à violência urbana e à desigualdade social

A violência urbana como um fenômeno complexo nos solicita uma compreensão conjunta das relações entre economia, política e produção do espaço urbano. É assim que podemos perceber que as cidades brasileiras e latino-americanas que lideram os rankings de violência e criminalidade seguem o mesmo padrão de expansão territorial concêntrico e de desenvolvimento social excludente (ZALUAR, 1983, SANTOS, 1996, CALDEIRA, 2000). Como afirma Feltran (2017, p. 2) esse padrão está baseado “no alargamento de periferias sem infraestrutura urbana e desenvolvimento social” e na “segregação territorial forte entre ricos e pobres, produzindo acúmulo de desvantagens nas periferias e, conseqüentemente, intensificação das desigualdades”.

Assim, esse crescimento urbano concêntrico, que alimenta o crescimento da exclusão social, constitui uma lógica de desigualdades que se associa diretamente com a construção social dos chamados territórios de violência. Como afirmam Ferreira e Penna (2005, p. 161) o “território da cidade se produz, produzindo e reproduzindo as formas de violência urbana e criminalidade comandadas pelo conjunto de fatores que se materializam e se realizam nas cidades”.

Tais territórios com demandas urgentes apresentam índices de alta vulnerabilidade social, com ocupações não reconhecidas pelo ordenamento urbano oficial, inúmeras favelas, carentes de equipamentos e serviços voltados aos jovens que, cada vez mais, são expostos a situações de violência física e simbólica. Podemos então dizer que “a luta pelo uso do espaço da cidade coloca a questão da criminalidade e da violência como um problema coletivo” (FERREIRA; PENNA, 2005, p. 161)

Nesse sentido, os movimentos sociais e coletivos culturais juvenis da periferia denunciam um verdadeiro genocídio da juventude pobre e negra das periferias. Conforme o Relatório do Comitê Cearense pela prevenção de Homicídios na Adolescência (2016, p.5) “em 2015, 816 meninos e meninas de 10 a 19 anos foram mortos no território cearense, sendo 387 apenas na capital Fortaleza.” As pesquisas indicam que o Ceará é o estado brasileiro onde



mais se matam adolescentes entre 12 e 18 anos. Fortaleza é a capital mais letal para os adolescentes, com IHA (Índice de Homicídios de Adolescentes) de 10,94 mortos a cada grupo de mil jovens (BARROS et ali, 2016.).

Por um outro lado, a territorialização da violência e a denúncia da morte de jovens em territórios das periferias, com a associação direta das juventudes com violência e com a pobreza, acabam por naturalizar um outro tipo de violência: a violência linguística que constrói o estereótipo dos jovens da periferia como “bandidos” em potencial e das suas “áreas” como territórios perigosos.

A Serrinha, bairro onde está situada a sede da UECE, o campus do Itaperi, é uma região cercada de lagoas e marcada por diversas ocupações irregulares. Abrangendo áreas consideradas áreas de risco, a Serrinha tem 28.770 habitantes, 8274 domicílios particulares permanentes, sendo que metade da população tem idade máxima de até 30 anos (IBGE, 2010). Diversas são as comunidades que integram a Serrinha: Comunidade dos Buracos, Itaperi, Vila Rica, Rampa, Santa Tereza, Parque Dois Irmãos, Cruzeiro e Garibaldi.

Esta última comunidade, a Vila Garibaldi, está situada do outro lado da avenida Dr Silas Munguba, onde está localizado o Campus do Itaperi, campus principal da Universidade Estadual do Ceará. O “atravessar a rua” se dá quando a Pró-reitoria de Extensão da UECE foi convidada a participar do Abraço da Lagoa, um evento promovido pelos movimentos e entidades representativas da Serrinha: Movimento Pró-Parque Lagoa de Itaperaoba, Caravana da Periferia, o Instituto Irmã Giuliana Galli, a Associação de Moradores do Bairro da Serrinha- AMORBASE, o Movimento Hip-Hop -HGO.

O evento foi a culminância de uma série de atividades no enfrentamento à violência e em Defesa da Paz, no dia 28 de novembro, de 7:30 às 9: 30 da manhã. O Abraço da Lagoa também mobilizou a população para a revitalização da Lagoa de Itaperaoba, um importante manancial que sobrevive, situada em frente da UECE, na av Silas Munguba, mas que tem sido ameaçada devido à especulação imobiliária, que permitiu a construção de imóveis para comércios, como Lava- jatos, Casa de eventos, Postos de Gasolina e muitas construções irregulares que prejudicam a Lagoa. Além dos movimentos sociais e entidades civis, participaram do evento alunos, pais, comunidade e funcionários, professores, diretores e coordenadores da Escola Irmã Giuliana Galli. Mais de 400 crianças participaram.



O atravessar da rua Antônio Botelho para chegar à comunidade permitiu perceber que havia um enorme lixão em frente à escola Irmã Giuliana Galli. Sem espaço para lazer, as crianças brincavam naquele lixão. Naquele dia, o Abraço da Lagoa nos “abraçou”, a mim e as professoras Catarina Tereza e Patrícia Lima Verde, também professoras da Universidade Estadual do Ceará (UECE) que participaram comigo do evento. A beleza na Lagoa, as histórias dos movimentos sociais, das lutas socioambientais que têm, há mais de 20 anos, defendido a revitalização da Lagoa e sua proteção, nos afetaram.

Fomos convidadas, nós, professoras da UECE, para participarmos de uma reunião com os movimentos sociais para discutirmos as demandas da comunidade, logo após o evento. Na reunião também estava presente a professora Anna Lúcia Vieira e Silva, coordenadora do Canto - Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo. O Canto, como programa de extensão da Universidade Federal do Ceará (UFC) oferecia assessoria técnica em arquitetura e urbanismo para movimentos sociais e comunidades organizadas de baixa renda. Naquela reunião foram discutidos pelos militantes e ativistas ali presentes temas ligados à violência que tem assustadoramente eliminado as juventudes, sendo apontados alguns problemas específicos da Serrinha, como a especulação imobiliária, a ausência de políticas públicas culturais e de espaços de Lazer para crianças e jovens na comunidade Guaribal. De imediato foi discutida uma proposta de construção coletiva de uma praça ecológica, uma Eco Praça a ser construída na comunidade no lugar do lixão, um projeto que o Canto, junto com o Instituto Irmã Giuliana Galli (IIGG), instituição filantrópica que coordena a escola da Vila Garibaldi, já estavam discutindo com a comunidade.

Como pró-reitora de extensão da UECE naquele ano de 2014, fui interpelada a convidar os projetos e programas de extensão da UECE a se juntarem aos movimentos sociais do bairro, às escolas e ao Canto na luta por melhores condições de vida da população da Vila Garibaldi, ou Guaribal, como é designada a comunidade por seus residentes. Nascia ali o Programa Diálogos UECE-Comunidade, articulação entre os projetos de extensão que já atuavam na Serrinha e o convite a outros programas e projetos para atuarem nas regiões vizinhas aos *campi* da universidade, estabelecendo diálogos com as comunidades do seu entorno, sempre em colaboração com os movimentos sociais dos bairros circunvizinhos. O Viva a Palavra, programa de extensão



coordenado por mim, que já atuava na comunidade Cidade de Deus, no bairro São João do Tauape, próximo ao campus Fátima, passou a atuar também na Serrinha fortalecendo as lutas comunitárias daquele bairro, vizinho ao campus sede da UECE.

Este trabalho também se constrói com o intuito de refletir sobre esse processo que se inicia em 2014 e que continua atualmente possibilitando a articulação entre os coletivos, movimentos e extensionistas militantes nas lutas contra o extermínio das juventudes da periferia e pelo direito à cidade — comunidade Guaribal e Viva a Palavra— e como suas ações se articulam como potência de reivindicação por meio de atos performativos que modificam espaços públicos e criam espaços afetos pela arte. Pretendo, a partir desta reflexão, discutir como as práticas culturais constituem gramáticas de resistência a um projeto de cidade hegemônico, violento e excludente para as juventudes da periferia.

Gramáticas de resistência na periferia

Entre 2014 e 2016, diversos coletivos articulados na comunidade Guaribal realizaram intervenções co-criativas e participativas com a intenção de qualificar os espaços públicos, por meio de mutirões que articularam universidades (UFC e UECE), movimentos e coletivos culturais com os moradores da comunidade Guaribal em processos de transformação social. Esse articulação comunidade-universidade gerou o Projeto de Transformação Ativa Praça Ecológica Guaribal. Defendo que os processos educativos, políticos e culturais vivenciados na extensão comunitária e pesquisa participante ali realizada constituem gramáticas de resistência e reexistência juvenis da periferia.

Figura 1: Projeto de Transformação Ativa



Fonte: UFC.



A partir da pragmática cultural, as práticas culturais vivenciadas nos coletivos culturais e movimentos sociais juvenis são vistas como jogos de linguagem, históricos e dinâmicos, que constroem gramáticas culturais (ALENCAR, 2014). Mas o que entendo aqui por gramática cultural?

A gramática para Wittgenstein (1989) se refere ao ordenamento histórico das formas de vida, o que significa práticas culturais reguladas. Como afirmei anteriormente (ALENCAR, 2014), não se trata de um sistema de regras sintático-semântico que constituiria a gramática de uma língua, mas sim de uma gramática pragmática. Por isso, utilizo o termo “gramática cultural”, como o fez Veena Das (2004), a partir de uma leitura antropológica do pensamento de Wittgenstein. Gramáticas culturais dizem respeito ao estabelecimento, muitas vezes invisível, de regras culturais, constituídas na historicidade de nossas formas de vida, que respondem pelo ordenamento de discursos e de subjetividades. A noção de jogo de linguagem e de gramática cultural como categorias integradas por diversos elementos históricos, sociais e econômicos na constituição dos sentidos radicaliza a ideia wittgensteiniana de linguagem como forma de vida e conduz a pragmática cultural para o diálogo com outros campos do conhecimento, como antropologia, a sociologia, a filosofia e a educação.

Então, quando me refiro a gramáticas culturais de resistência juvenis, refiro-me ao ordenamento de formas de vida juvenis, trazendo uma visão de cultura como processo, como cotidiano de significações (WILLIAMS, 2007). Como podem perceber, em alguns parágrafos utilizo “resistência” e em outros “reexistência”. A palavra Reexistência tem sido muito usada por jovens da periferia de Fortaleza, como podemos ler no trecho do Manifesto de criação do MARPE (Movimento de Arte e Reexistência Periférica), durante um sarau realizado na Praça da Cruz grande, nas proximidades da Comunidade Guaribal, no bairro da Serrinha:

Nós, povo preto e pobre da periferia, temos que REEXISTIR. Não concordamos com as propostas de superação da crise apresentadas por esses picaretas, dizemos não às reformas trabalhista e da previdência!!! (...)Temos direito a mais espaços de lazer, cultura e educação, direito a um sistema de saúde de qualidade, e mais, temos direito à cidade, criar e reinventar, ressignificar o espaço urbano



através de onde pisamos, de nossas vivências
(MANIFESTO DO MARPE).

Ao se definir como movimento de reexistência periférica, as/os jovens ressignificam os espaços urbanos em espaços de esperança (MACIEL; ALENCAR; SOUSA, 2018). Do mesmo modo, Rômulo Silva (2019, p. 21) que vivenciou as práticas poéticas do Sarau da B1, no bairro do Jangurussu, afirma que “a primeira demanda para a descolonização, portanto, é permanecer vivo. Criar formas de existências em face de uma política de morte. Um jogo entre falar da existência, tentar sobreviver, ser visto e ouvido. Criar, portanto, é re-existir”. Percebemos que ocorre um descentramento da lexia “resistência” para a sua quase homófona “reexistência”. Nesse descentramento, nas performances das juventudes, “reexistir” ganha sentidos de sobrevivência, mas também de criatividade, invenção. Esse último sentido foi construído na proposta cartográfica de Deleuze: E o que é resistir? Criar é resistir (DELEUZE; PARNET, 2004).

Como explicita Gorczeski (2017, p. 9): “Resistir, neste caso, recebe outro sentido distinto do tradicional modo de entender esse termo- como oposição entre forças, investindo na polarização e nos binarismos, ou ainda como ideia de não ceder, não desistir de algo”. E continua delineando o verbo resistir como de provocar encontros, de mobilizar afetos potentes, de inventar outros mundos. É nesse sentido de resistência como inventividade que mergulhamos para pensar nas gramáticas de reexistências. As gramáticas são formas de recentramento, de estabilização provisória dos sentidos na invenção criativa de novas formas de vida. Gramáticas culturais são coordenações de ações consensuais. Como Maturana relacionou o nosso linguajar “com coordenações de ação, mas não com qualquer coordenação de ação, apenas com coordenação de ações consensuais” (MATURANA, 2002, p. 20), podemos entender que sendo a linguagem “um operar de coordenações de ações” (MATURANA, 2002, p. 20) que se estabelecem de forma consensual entre os envolvidos no processo de conversar, a gramática cultural diz respeito ao estabelecimento (estabilizações) das linhas consensuais dessas ações (performances) languageiras.

Nas performances dos movimentos sociais e coletivos periféricos, a palavra juventude também é descentrada e recentrada, sendo mobilizada para outros modos de significar a juventude, tematizando essa categoria como um processo dinâmico, ao relacioná-la com os modos de ação da



comunidade. Como nos disse um jovem da comunidade: *ser jovem é participar das lutas da comunidade, não deixar o ânimo desaparecer*. Essa fluidez de sentidos também está presente nos discursos teóricos sobre juventude.

Os estereótipos e representações negativas da juventude passam pelo próprio uso da categoria "juventude", que, contemporaneamente, tornou-se uma palavra perigosa (ALENCAR; CARVALHO, no prelo). As caracterizações de juventude elaboradas pela Sociologia, Antropologia, Psicologia e Educação nos oferecem parâmetros diversos, complexificando as análises e gerando uma polissemia de sua compreensão (BOURDIEU, 1984; MAFFESOLI, 1987; BAUMAN, 1999). As teorias críticas contribuirão não só para desmistificar a noção de uma juventude universal, relacionando-a às distintas possibilidades de vivências, segundo a classe, a etnia, o gênero ou outra, e ainda desnaturalizando os elementos puramente biológicos na demarcação das fases da vida, evidenciando a relação das instituições sociais como escola, família e trabalho, na demarcação dessas fases (GROPPO, 2015).

A ênfase nas diversas intersecções que atravessam a categoria "juventude" torna necessária a utilização da palavra sempre no plural: "juventudes". O uso do plural pretende dar conta não apenas dos diversos modos de vida juvenis, mas também das imensas desigualdades (desigualdades de classe, desigualdades regionais, de gênero, desigualdades étnico-raciais, etc.) que marcam esses modos de vida. As ameaças às juventudes são identificadas em diversas investigações e em textos tanto de autores latino-americanos (ABRAMO, 2005, GROPPPO, 2015), quanto de autores europeus (CALVO, 2005, PAIS, 1993).

Nesse sentido, é preciso estudar os modos de vida juvenis e para a produção de seus territórios de existência; territórios que reclamam uma cartografia que supere tanto o seu apagamento, enquanto cidade informal, do planejamento de políticas públicas, quanto à hegemonia discursiva dos mapas socialmente esmagadores traçados sobre as juventudes nas páginas policiais da grande mídia. É preciso tecer mapas a partir das rotas culturais juvenis das periferias, conhecer seus jogos de linguagem, escutar a sua perspectiva, ouvir suas dores, suas angústias e indecisões. Mais do que isso, é preciso reconhecer-lhes a voz, seus movimentos para sobreviver e ressignificar suas vidas; é preciso dar-lhes a palavra.



Linhas cartográficas: coordenações de performances consensuais

No curso das ações dos coletivos e movimentos juvenis da Serrinha, percebemos o movimento rizomático dos ativistas, no que diz respeito à profusão de jogos de linguagem em um mesmo coletivo como, por exemplo, o movimento político cultural Ensaio Rock que acolhia na praça da Cruz Grande, não apenas *shows* de *rock and roll*, mas também batalhas de *rap* (enquadro *rap*) e abria espaço também para o *reggae* ou para outras linguagens. O coletivo era um híbrido de militantes e artistas que se congregavam em torno dos saraus. Esse hibridismo é umas das linhas consensuais dos movimentos juvenis da periferia de Fortaleza.

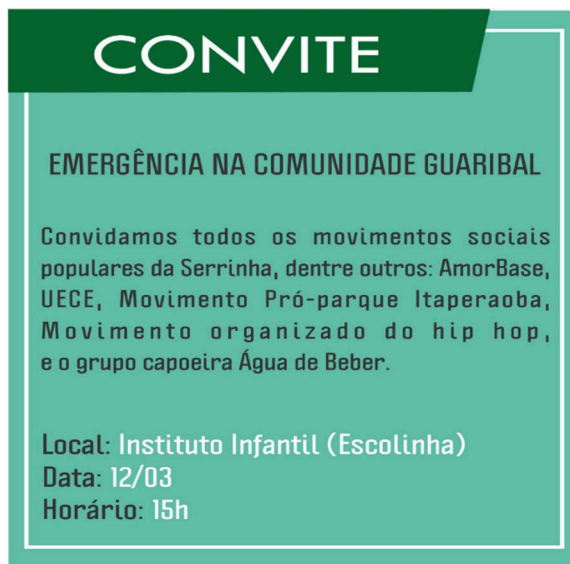
Uma das outras regras gramaticais desses movimentos e coletivos juvenis é a translocalidade: jovens do Ensaio do Rock pertencem também ao Enquadro Rap. Jovens do Enquadro Rap, por sua vez também fazem parte dos Círculos Populares. Militantes dos Círculos Populares também atuam na Associação de Moradores no Bairro da Serrinha (AMORBASE) e alguns ativistas da AMORBASE também coordenam o Movimento Pró-Parque Lagoa de Itapearoba. São consensuais as ações de deslocamentos de jovens de um movimento ao outro, fragmentando-se em vários compromissos políticos e culturais. Esses deslocamentos permitem que os/as jovens constituam relações de afetos, construindo amizades e respeito por onde passem. Nesse movimento para além da construção discursiva, que qualifica espaços urbanos por suas ações culturais, os jovens constituem novos espaços de afeto em seus deslocamentos. Os coletivos costumam reforçar uns aos outros em seus eventos e para isso se deslocam por vários movimentos e coletivos juvenis. Chamo essas rotas rizomáticas de translocalidades.

Um outro ponto de estabilização de sentidos nessa gramática cultural é a *horizontalidade* nas ações. Com o transcórre das ações extensionistas, da atuação dos atores acadêmicos do Viva a Palavra em todos os eventos da comunidade, seja em momentos de luta, como manifestação, reuniões nas secretarias de Infra-estrutura e de Meio-Ambiente da Prefeitura Municipal de Fortaleza, seja em momentos de festa, como saraus, inauguração do Cursinho Popular; seja em momentos de tristezas com a morte de pessoas da comunidade, ou ainda em assembleias e reuniões internas desse coletivo de forças, fomos construindo um plano comum, um plano existencial (PASSOS, 2015), a partir do qual nos tornamos companheiros, amigos. Vejam o cartaz de convocação dos movimentos no



qual a universidade é situada na mesma posição dos movimentos sociais, uma marca dessa horizontalidade:

Figura 2 - Convite Reunião Serrinha



Fonte: Movimento Pró-Parque.

Figura 3 - Lixo na Vila Garibaldi



Fonte: Foto por Catarina Oliveira.

Tal plano em comum é resultado do caminho metodológico da pesquisa- intervenção em pragmática cultural. Nessa perspectiva, a pesquisa participante que mapeia processos e segue fluxos, como a abordagem metodológica cartográfica, é coerente com uma perspectiva de pesquisa



simétrica, a partir da qual a/o pesquisador/a se coloca como parte do processo de pesquisa, sendo também avaliado pelos interlocutores participantes da pesquisa (LATOIR, 1994; VIVEIROS DE CASTRO, 2002). Nesse caso, as próprias performances no ato de pesquisar se tornam também objeto de reflexão (BAUMAN; BRIGGS, 1990). Nesse plano comum, inclusive o caminho, o trilhar metodológico é construído ao caminhar.

No processo de pesquisa-intervenção na comunidade Guaribal, práticas educativas foram vivenciadas por meio da construção de mutirões e saraus em que discutíamos, coletivamente, a construção de uma praça ecológica, no espaço entre ruas, em frente à Escola Irmã Giuliana Galli, onde as pessoas jogavam lixo que se acumulava no caminho das crianças para a escola. Nesse processo, os diversos coletivos, instituições e movimentos participaram de inúmeras reuniões com a prefeitura para retirada do lixo de frente da escola, no local onde seria a praça. Para isso, o grupo de design Varal projetou diversas lixeiras para colocar no lugar onde o lixo era jogado no chão pela população. Também realizamos a produção coletiva de um calendário cujas folhas eram distribuídas mês a mês, com as fotos das pessoas da comunidade que participavam do mutirão anterior e com informações sobre a coleta do lixo e datas dos próximos mutirões.

Figura 4 - Calendário



Fonte: UFC e UECE.

Chegamos, professores e estudantes dos diversos projetos de extensão das duas universidades (UECE e UFC) em um determinado sábado de mutirão e todo o lixo havia sido retirado. Perguntamos assustados: quem



retirara o lixo? Finalmente os setores da Prefeitura atenderam aos nossos apelos? Não, a própria se encarregara de retirar todo o lixo. as pessoas adentraram toda a madrugada trabalhando para retiraram o lixo e depois vigiaram por toda a noite e manhã para que ninguém mais jogasse lixo no local. No muro, as inscrições em grafite: “Favela e Guaribal na Paz de Deus” “Mantenha a Comunidade limpa”. O que vimos realmente nos animou. Realmente nos encheu de esperança ao vermos a força da comunidade. A mesma determinação foi demonstrada quando um morador nos disse: “Limpamos o lixo para fazermos um campinho de futebol aqui”. Ao que um participante do projeto de extensão Canto respondeu: “esse local, no projeto, é o local onde colocaremos as lixeiras”. Realmente, foi tomado bastante tempo de algumas reuniões para discutir essa questão das lixeiras. No entanto, os moradores reivindicaram: “se tiramos o lixo, não queremos que nenhum lixo seja colocado aqui, nem em lixeira, nem em nada”.

Ao tentar teorizar a respeito da linguagem como ação, como performance, Austin procura mostrar que os atos de fala são formas de realizarmos ações pela linguagem. Quando dizemos algo (atos locucionários), fazemos algo por esse dizer (atos ilocucionários, tais como perguntar, afirmar, reclamar, opinar etc). Esses atos, por sua vez, provocam efeitos, como convencer, comover, obrigar, etc (atos perlocucionários). Podemos assim compreender que utilizar a fala para se manifestar, para exercer ou reivindicar direitos é um ato de fala ilocucionário exercitivo, como inicialmente classificou Austin, em seus primeiros arroubos taxonômicos⁴.

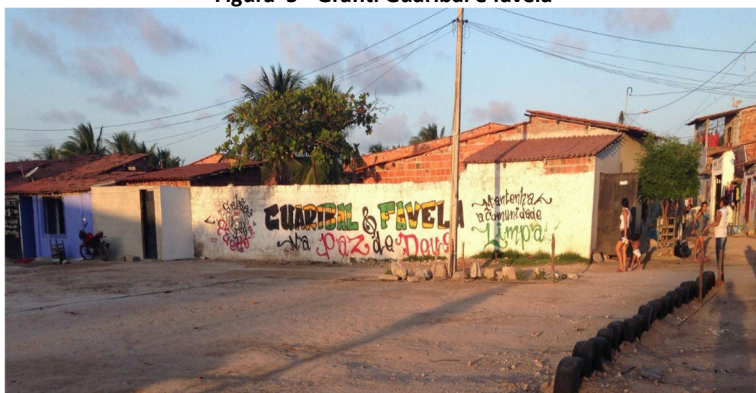
A performance do morador da comunidade em seu ato ilocucionário exercitivo, ao reclamar o direito dos próprios moradores de definirem os espaços e de espontânea e autonomamente resolverem seus problemas (como a questão do lixo), reordena todo o curso de ações das lideranças locais e dos participantes das universidades. A dimensão macro daquele ato significava a reorganização do fluxo de ações dos ativistas da comunidade e da universidade. Como efeito perlocucionário, o plano inicial foi então remodelado e recomeçamos o projeto de transformação ativa a partir daquela realidade.

⁴ Austin não leva adiante a tentativa de classificar os atos de fala ilocucionários. Ele parece querer demonstrar, pela tentativa e impossibilidade de classificação, que a vagueza e a imprevisibilidade são constitutivas da linguagem (ALENCAR, 2009; RAJAGOPALAN, 2010).



Desse modo, entendemos que os movimentos da experiência cartográfica, as performances dos atores em seus atos de fala micro e macro, modificam o desenho inicial do plano de ações, fazendo emergir uma nova paisagem na comunidade Guaribal, com novas formas, novos mapas, novas palavras e novos afetos.

Figura 5 - Grafiti Guaribal e favela



Fonte: Instituto Irmã Giuliana Galli.

A lexia “paz” é frequentemente utilizada como um contraposição aos discursos que naturalizam a periferia como um lugar de violência e a juventude como violenta. O descentramento desses sentidos de periferia e juventude é percebido na performance poética de Edmar Eudes, o poeta da Serrinha, durante o Sarau de luta, realizado na Comunidade Guaribal::

*Me desculpe senhor Repórter,
hoje a praça está em graça!..
Não tem dor
Não tem desgraça
Nem há corpos pelo chão
Não há choro
Não há luto,
É um sossego absoluto
No embalo da canção!
Tudo aqui é poesia,
É seresta e cantoria,
Muito rock e baião.
Me desculpe senhor repórter,
Hoje a noite aqui é bela,
Não tem nada pra sua tela,
Meu três-oito é um violão*

O ato de fala comportamental “me desculpe” traz a performance irônica que recontextualiza sentidos, constituindo a localidade “periferia” como lugar de arte e cultura, sendo a praça esse espaço-afeto. O macro ato poema atua como uma contrapalavra, provocando descentramentos aos sentidos que associam “periferia” e “violência”, sentidos propagados pelos programas policiais que espetacularizam as ações violentas que ocorrem nos grandes centros urbanos. O poeta Edmar Eudes, presidente da Associação de Moradores do Bairro da Serrinha, nos deixou recentemente, mas sempre esteve conosco em todas as lutas e manifestações da comunidade Guaribal. Ao poeta nossa homenagem no título e ao finalizar esta análise.

Tudo aqui é poesia! Reflexões finais

Percebemos que os diversos coletivos e movimentos sociais de juventude da periferia agregam sentidos de afeto às formas construídas que se articulam fortemente para criar localidades urbanas. Em suas práticas linguísticas de arte que inventa afetos (GORCZEWSKI, 2017), vimos uma Fortaleza plural e diversificada em contraste com a cidade violenta que é construída nas páginas da grande mídia. Nos diversos jogos de linguagem, os coletivos e movimentos sociais juvenis reivindicam uma nova territorialidade. Em enunciados como “Toda periferia é um centro” (Baticum, sarau Okupação) e “a favela que é linda e que é bela, não é só desgraça” (Mc Diego Martins), percebemos que espaços passam a ser diferenciados como “espaços-afetos”, e não apenas “por condições variáveis da natureza e da sociedade” (FERREIRA E PENNA, 2005, p. 157), alterando assim a sua configuração territorial. Como nos diz o grande geógrafo Milton Santos (1996), a configuração territorial possui “uma existência material própria, mas a sua existência social, isto é, sua existência real, somente lhe é dada pelas relações sociais” e essa rede de relações expressa uma “configuração geográfica” (SANTOS, 1996, p. 51).

Na perspectiva da pragmática cultural, as análises das performances têm demonstrado que as práticas culturais juvenis se configuram como espaços-afetos que requalificam o urbano e reinscrevem as paisagens de Fortaleza, sendo preciso investigar essas práticas para compreendê-las em seu curso.

É a partir desta perspectiva que podemos entender o lugar da linguagem na constituição histórica de problemas sociais, políticos, econômico-culturais provenientes da lógica de violência. A perspectiva



pragmática aqui proposta permite o estabelecimento de uma interconexão dialógica com as teorias linguísticas que defendem uma abordagem socioconstrucionista, antiessencialista e performativa da linguagem acionando uma ecologia de saberes (SOUSA SANTOS, 2009) no tratamento dessa questão social tão contingente, dinâmica e complexa, que é a violência.

Assim, pudemos perceber que, os coletivos culturais e movimentos sociais da periferia constituem performances na construção das localidades como espaços afetos em atos em jogos de linguagem como reuniões, manifestações, saraus. A produção da localidade (APPADURAI, 1997), como uma dimensão da vida social, uma estrutura de sentimentos e em sua expressão material de vivência da "co-presença" pode ser vista a partir da concepção de linguagem como forma de vida, "no sentido de que localidades são mundos da vida constituídos por associações relativamente estáveis, histórias relativamente conhecidas e compartilhadas e espaços e lugares reconhecíveis e coletivamente ocupados" (APPADURAI, 1997, p. 33).

Das cartografias já realizadas, percebemos as formas variadas de organização e sociabilidade políticas das juventudes da periferia que são constitutivos de gramáticas de reexistência. Nessa direção, os estudos sobre a juventude, que se dedicam às etnografias das organizações juvenis (WINKIN, 1998; MAFFESOLI, 1987) salientam a importância das sociabilidades juvenis vivenciadas em organizações sociais, políticas e culturais, com destaque para as experiências de reconhecimento, de partilha de valores e oportunidades de consumo, negadas pela segregação e exclusão. Desse modo, associamos a problemática da violência à questão da exclusão social e com o objetivo de se pensar o domínio dos recursos linguísticos como um modo de inclusão social que torna possível as novas formas de sociabilidades e a oportunidade de empoderamento juvenil, por vias que superem as ofertas sedutoras da cidade ilegal e as práticas sociais hipervalorizadas pelo chamado crime-negócio (ZALUAR, 1990, 1993, 2012).

Analisar as novas formas de sociabilidade juvenis pela prática da palavra que constitui a cultura, o diálogo, pode contribuir para a superação dos conflitos sociais que são iniciados pelos discursos violentos (SILVA; ALENCAR, 2013). A ideia da linguagem como ação social (AUSTIN, 1962 [1990]) e dos jogos de linguagem (WITTGENSTEIN, 1989) com suas gramáticas culturais podem nos ajudar a contribuir para a compreensão dos modos de



participação, de organização das juventudes, fortalecendo o engajamento juvenil em movimentos sociais e culturais na comunidade.

Reconhecemos, outrossim, que a conquista da palavra não é tudo: outros aspectos, como a infraestrutura econômico-social e as relações psicológicas pessoais e familiares devem ser considerados no enfrentamento da violência. No entanto, as contribuições do papel organizador e emancipatório das práticas linguísticas devem ser reconhecidas como um elemento fundamental para a capacidade da interação social, para a aquisição de tecnologias inclusivas, e, sobretudo, para a participação efetiva dos atores sociais em novas formas de existência menos desiguais.

Referências

ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: BRANCO, P. M. (org.). **Retratos da juventude brasileira**. Análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.

ALENCAR, C. N.; CARVALHO, S. M. G. Juventude(s): enfrentamentos e reexistências. In: THEMELIS, S. (org.). **Palavras perigosas** (no prelo).

ALENCAR, C. N. V Marcha da Periferia: recontextualizações de sentidos de paz e gramáticas de resistência na luta contra o extermínio de crianças e jovens em Fortaleza. In: COSTA, M. F. V.; PEREIRA, J.A.; SILVA, M. S. ASTIGARRAGA, A.; SANTOS, N. A. C. (org.). **Infância e relações etnoraciais em pesquisa**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2017, p. 246-266.

_____. Pragmática cultural: uma visada antropológica sobre os jogos de linguagem. In: SILVA, D. N.; MARTINS FERREIRA, D. M.; ALENCAR, C. N. (org.) **Nova pragmática**. Modos de fazer. São Paulo: Cortez, 2014, p. 78-100.

_____. **Por uma pragmática cultural**: cartografias descoloniais e gramáticas culturais em jogos de linguagem do cotidiano. Projeto de Pesquisa. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2013.

_____. **Programa Viva a Palavra circuitos de linguagem, paz e resistência da juventude negra na periferia de Fortaleza**. Projeto de pesquisa. Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2014.

_____. **Linguagem e medo da morte**: uma introdução à linguística integracionista. Fortaleza: EDUECE, 2009.

APPADURAI, A. Soberania sem territorialidade: notas para uma geografia pós-nacional. **Novos Estudos Cebrap**, 1997, 33-46.



- AUSTIN, J. **Quando dizer é fazer**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990 [1962].
- BARROS, J. P. P.; ACIOLY, L. F.; RIBEIRO, J. A. D. Re-tratos da juventude na cidade de Fortaleza: direitos humanos e intervenções micropolíticas. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 7, n. 1, p. 115-128, jan./jun. 2016.
- BARROS, J. P. P.; PAIVA, F. F. S.; RODRIGUES, J. S.; SILVA, D. B.; LEONARDO, C. dos S. Pacificação nas periferias: discursos sobre as violências e o cotidiano de jovens em Fortaleza. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 9, p. 117-128, 2018.
- BARROS, R. D. B.; PASSOS, E. A experiência cartográfica e a abertura de novas pistas. In: Eduardo Passos; Virginia Kastrup; Silvia Tedesco. (org.). **Pistas do método de cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, 2014, p. 7-14.
- BAUMAN, R.; BRIGGS, C. L. Poetics and performance as critical perspectives on language and social life. **Annual Review of Anthropology**, v. 19, Bernard J. Siegel, Ed. Palo Alto, Annual Reviews, Inc, 1990.
- BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.
- CALDEIRA, T. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.
- CALVO, E. G. El envejecimiento de la juventud. **Revista de Estudios de Juventud**, v. 71, n. 1, p. 11-19, 2005.
- CEARÁ. **Cada Vida Importa: Relatório final do Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência**. Fortaleza, 2016.
- DAS, V. et al. (orgs.) **Violence and subjectivity**. Berkeley: University of California Press, 2004.
- DELEUZE, G. A literatura e a vida. In: _____. **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed. 34, 2011, p. 11-17.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília, Editora da UnB, 2001.
- FELTRAN, G. A atualidade de A espoliação urbana. In: A espoliação urbana: impactos e desdobramentos (Debate), Ciclo "Cebrap 50 anos, obras fundamentais". **Novos Estudos Cebrap**, 2017.
- FERREIRA, I. C. B.; PENNA, N. A. Território da violência: um olhar geográfico sobre a violência urbana. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, n. 18, p. 155-168, 2005.



FREITAS, G. J. ; PAIVA, L. F. S. Ecos da violência nas margens de uma sociedade democrática: o caso da periferia de Fortaleza. **Sociedade e Cultura**, v. 1, p. 115-128, 2016.

GORCZEWSKI, D. (org). **Arte que inventa afetos**. Fortaleza, Editora da UFC, 2017.

GROPPO, L. A. Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis. **Em Tese**, v. 12, n. 1, p. 4-33, jan./jul., 2015.

LATOURETTE, B. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. 2. Ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

MACIEL, T. W. N.; ALENCAR, C. N.; SOUSA, A. O. B. Entextualizações em eventos de letramentos de arte e reexistência das juventudes: ressignificar para reexistir em contextos periféricos. **Revista ABPN**, v. 10, p. 651-676, 2018.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

MATURANA, H. R. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: EDUFMG, 2002.

MOURA, R. **Mapa da criminalidade e da violência em Fortaleza**: Perfil da SER IV Disponível em: http://www.uece.br/covio/dmdocuments/regional_IV.pdf. Acesso em: 11 nov. 2017.

PAIS, J. M.. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PASSOS, E. et al. (orgs.) **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RAJAGOPALAN, K. **Nova pragmática**: fases e feições de um fazer. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, D. N.; ALENCAR, C. N. A propósito da violência na linguagem. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 55, n. 2, p. 129-146, jul./dez. 2013.

SILVA, R.; FREITAS, G. J. Práticas poéticas: juventude, violência e insegurança em Fortaleza. **Tensões Mundiais**, v. 14, n. 26, p. 129-155, jan./jun. 2018.

SILVA, R. **Rede de afetos**: práticas de re-existências poéticas na cidade de Fortaleza (CE). 2019. 212f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-graduação em Sociologia. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019.



SILVA, D.; MARTINS FERREIRA, D.; ALENCAR, C. **Nova pragmática**. Modos de fazer. São Paulo: Cortez, 2014.

SOUSA SANTOS, B. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SOUSA SANTOS, B.; MENESES, M. P. (orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Editora Almedina, p. 23-71, 2009.

SOUZA, A. L. S. **Letramentos de reexistência**: poesia, grafite, música, dança: Hip-Hop. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SOUZA, F. **Ceará sob ataque**: como facções locais e nacionais se juntaram para dominar o crime no Estado. BBC News Brasil, São Paulo, 08 jan, 2019.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. **Mana**, v. 8, n. 1, p. 113-148, 2002.

WILLIAMS, R. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.

WINKIN, Y. **A nova comunicação**: da teoria ao trabalho de campo. Papiрус: Campinas, 1998.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. São Paulo: Nova Cultural, 1989 (Os Pensadores).

ZALUAR, A. Condomínio do Diabo: as classes populares urbanas e a lógica do ferro e do fumo,. In: PINHEIRO, P. S. (org.). **Crime, violência e poder**. São Paulo, Brasiliense, 1983.

_____. Teleguiados e chefes: juventude e crime. **Religião e sociedade**. ISER., v. 15, n. 1, p. 54-67, 1990.

_____. A criminalização de drogas e o reencantamento do mal. **Revista do Rio de Janeiro**. UERJ/Ayuri., v. 1, n. 8, p. 8-15, jan./jun. 1993.

_____. Juventude Violenta: Processos, Retrocessos e Novos Percursos, **Dados**, v. 55, p. 327-365, 2012.

